



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

**ANDRÉ GOMES DA SILVA**

**O OLHAR SOBRE O NEGRO EM JOSÉ LINS DO REGO:  
ESTEREÓTIPOS, TRABALHO E SEXUALIDADE NO CICLO DA  
CANA-DE-AÇUCAR**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

**ANDRÉ GOMES DA SILVA**

**O OLHAR SOBRE O NEGRO EM JOSÉ LINS DO REGO: ESTEREÓTIPOS,  
TRABALHO E SEXUALIDADE NO CICLO DA CANA-DE-AÇUCAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Cultura Afro-brasileira da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como exigência para a obtenção do título de Especialista.

ORIENTADORA: PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MARIA LINDACI GOMES DE SOUZA

CAMPINA GRANDE, PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

586 Silva, André Gomes da

O olhar sobre o negro em José Lins do Rego [manuscrito] :  
estereótipos, trabalho e sexualidade no ciclo da cana-de-açúcar /  
André Gomes da Silva. - 2014.

59 p.

Digitado.

Monografia (Curso de Especialização em Cultura Afro-  
Brasileira) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2014.

"Orientação: Pra. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza,  
Departamento de História".

1. Análise Literária 2. Negros no Brasil 3. Estereótipo 4.  
Condição Social I. Título.

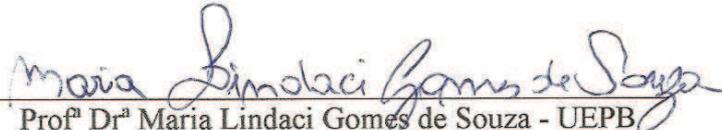
21. ed. CDD 801.95

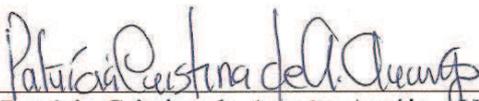
ANDRÉ GOMES DA SILVA

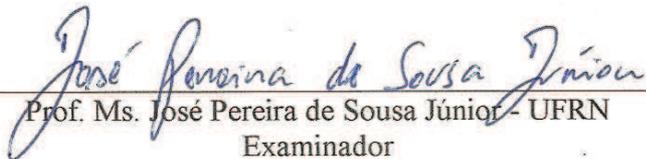
**O olha sobre o negro em José Lins do Rego: estereótipos, trabalho e sexualidade no ciclo da cana-de-açúcar**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 16/05/2014.

  
Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza - UEPB  
Orientadora

  
Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB  
Examinadora

  
Prof. Ms. José Pereira de Sousa Júnior - UFRN  
Examinador

A DEUS, que a cada dia renova minhas forças e me faz superar os novos desafios.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, por sempre me guiar em todos os momentos de minha vida.

Aos meus pais, porque sem eles eu não seria ninguém.

A minha orientadora, professora Lindaci G. de Souza, que continuou a me orientar com muita paciência e atenção.

Aos meus colegas de curso, pelas discussões e experiências vivenciadas durante o mesmo, e ajudaram a me engrandecer como pessoa, e observar a cultura afro-brasileira a partir das melhores perspectivas possíveis.

A todos os professores, pela experiência e dedicação que puseram em suas disciplinas, ministradas com maestria.

A todos aqueles que contribuíram para o sucesso de mais uma etapa em minha vida, Obrigado!

## RESUMO

Este trabalho analisa as obras *Menino de Engenho*, *Banguê* e *O Moleque Ricardo*, do autor José Lins do Rego, que se enquadram no chamado ciclo da cana-de-açúcar, que representa um importante relato da condição social do negro no início do século XX, a partir da mostra de categorias como o trabalho, a sexualidade da mulher negra e os preconceitos que estavam sujeitos dentro do contexto citado. Para isso estabelecemos o diálogo entre as possibilidades que a Literatura traz ao historiador como fonte de produção da história. Partindo de uma pesquisa Literária e dialogando com autores como Roger Chartier, Michel Foucault, Mary Del Priore, David Brokshaw e outros, buscaremos respostas para as inquietações acerca do cotidiano dos ex-escravizados no Brasil da primeira República. A partir desta pesquisa, esperamos contribuir para a história com conhecimentos relacionados às representações e estereótipos criados a partir de discursos sobre o negro no período que sucede a abolição da escravidão no Brasil até o início dos anos 30 do século XX, quando José Lins do Rego publica *Menino de Engenho*. O caminho metodológico seguido é de cunho bibliográfico no qual nos apropriamos da literatura através das obras *Menino de engenho*, *O Moleque Ricardo* e *Banguê*. Assim como tecendo o dialogo com a historiografia do período colonial, e de forma indireta autores da historiografia brasileira que contribuíram para a análise sobre o negro no período anteriormente citado.

**Palavras – Chave:** Literatura, negro, Estereótipo, Representação, Sexualidade.

## ABSTRACT

This work analyzes the works of *Menino de Engenho*, *Banguê* and *O Moleque Ricardo*, by José Lins do Rego, which frame in the so-called sugar cane cycle, and represents an important report of the social condition in the beginning of the XX century. This happened from the sample of the categories like the work, the sexuality of black women and the prejudice in which they were submitted in the cited context. For this we set the dialogues among the possibilities that the literature brings to the historian as a source of the history production. Starting from a literary research and talking to authors like Roger Chartier, Michel Foucault, Mary Del Priore, David Brokshaw e outros, we'll look for answers the concerns around the everyday former enslaved in Brazil of the first Republic. From this survey on, we hope to contribute to the history with knowledge related to the representations and stereotypes created from speeches about the negroes in the period that comes after the abolition of slavery in Brazil till the beginning of the 1930s of the XX century, when José Lins do Rego publishes *Menino de Engenho*. The methodological way is of bibliographical imprint in which we appropriate of the literature through the works *Menino de Engenho*, *O Moleque Ricardo* and *Banguê*. As we weaving the dialogue with the historiography of the colonial period, and in an indirect way, authors of the Brazilian historiography that contributed to the analyzes about the negro in the previous period cited.

Key words: Literature, Negro, Stereotype, Representation, Sexuality

## SUMÁRIO

Agradecimentos.....	5
Resumo.....	6
Abstract.....	7
Introdução.....	9
1 - O diálogo entre História e a Literatura.....	12
1.1 – O lugar social de José Lins do Rego.....	18
2 – O Discurso elitista e as relações de trabalho na obra de José Lins do Rego.....	21
2.1 - Os Donos do discurso elitista.....	21
2.2 – Relações de trabalho na obra de José Lins do Rego.....	26
3 – A construção das representações preconceituosas na literatura de José Lins do Rego.....	36
3.1 - A construção dos estereótipos em Brokshaw.....	38
3.2 – A construção das representações em Roger Chartier.....	39
3.3 - A sexualidade da mulher negra no olhar José Lins do Rego.....	45
4 - Considerações finais.....	56
Referências.....	58

## INTRODUÇÃO

José Lins do Rego, nascido em 3 de junho de 1901, no Engenho Corredor, no município de Pilar, Estado da Paraíba, foi um dos grandes escritores brasileiros da chamada geração de trinta. Se destacou como romancista após a publicação de sua primeira obra, *Menino de Engenho*, que implicitamente nos mostra a mentalidade de uma sociedade de outrora escravocrata e a mentalidade dos senhores de engenho do início do século XX.

As obras escolhidas para análise em nosso trabalho foram *Menino de Engenho*, publicada em 1932, que mostra o cotidiano do personagem Carlinhos, baseada na infância do próprio autor. *Banguê*, publicado em 1934, que expressa o contexto da decadência dos antigos engenhos, aos poucos sendo substituídos pelas usinas. E por fim a obra *O Moleque Ricardo*, publicada em 1935, que tem seu foco voltado para a vida do personagem Ricardo, que tenta construir uma vida melhor na cidade, longe do campo. Estas três obras abordam parte de sua produção voltada ao chamado ciclo da cana-de-açúcar, as quais mostram a relação dos negros com os latifundiários dos engenhos, traz à tona os discursos acerca da figura do negro no início do Século XX. Assim como a maneira como diversos estereótipos eram repetidos pela sociedade brasileira recém-liberta do escravismo, além dos discursos acerca da sexualidade da mulher e a lenta e gradual inserção do negro no trabalho livre, seja ele no campo ou na cidade.

A metodologia escolhida para se atingir os objetivos traçados foi uma pesquisa bibliográfica, em que foram utilizados autores importantes da historiografia, como Mary Del Priore, que fala sobre a demonização da mulher no Brasil colonial; David Brokshaw, que aborda a construção de estereótipos pela naturalização dos comportamentos da sociedade. Também trabalhamos a concepção de representação em Roger Chartier, assim como a construção de discursos dominantes em Michel Foucault e a concepção de lugar social em Certeau. Essas categorias foram inseridas na discussão acerca do negro nas obras do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, tecendo um diálogo entre História e literatura, a partir das concepções elaboradas pelos novos objetos de estudos propostos pela chamada Escola dos Annales, onde nos utilizamos de autores que

estudaram esse movimento, como Peter Burke, José Carlos Reis e François Dosse, assim como Marc Bloch, um dos fundadores do movimento que aproximou os historiadores de futuras gerações das novas fontes de abordagem.

Nosso trabalho surgiu a partir da Pesquisa monográfica da graduação, em que ao abordar o homem nordestino na obra de José Lins do Rego, abriu mais espaço para uma discussão acerca do negro nas mesmas obras anteriormente analisadas, por sugestão da banca avaliadora. Assim, este trabalho é uma espécie de continuação e aprofundamento da pesquisa anterior.

A princípio, a produção de um trabalho de produção da história a partir de obras literárias merece uma atenção maior por parte do pesquisador, tendo em vista que o material analisado trata-se de obras fictícias, com o enfoque voltado para o romance, e não diretamente a uma crítica social por parte do autor. Sendo assim, torna-se necessária a intervenção do historiador, a partir da teoria da história, optando por uma metodologia que venha a utilizar a literatura e a ficção como fontes legítimas de produção do conhecimento histórico. A partir deste enfoque podemos retirar aquilo que ficou implícito na escrita do autor, partindo de atitudes e comportamentos de seus personagens, que expressam aspectos da vida de José Lins do Rego.

Este trabalho estabelece a aproximação das fontes literárias com a produção do saber histórico, e observa as representações que se faz do negro nas obras do ciclo da cana-de-açúcar, que abordam a região do Cinturão Verde do Nordeste<sup>1</sup>. Assim, perceber a forma como seriam construídos estes estereótipos, nos utilizando do aporte teórico de autores como Roger Chartier e David Brokshaw é de suma importância na compreensão da relação estabelecida entre representações e esteriótipos a partir de uma análise literária.

Como historiador, essa pesquisa é de extrema importância por mostrar que o preconceito ainda hoje existente na sociedade tem suas origens no decorrer do tempo, e não de imediato. Nossa contribuição maior ocorre na visão acerca do negro em um recorte histórico de cerca de trinta anos após o final da escravidão no Brasil. Além disso, nosso trabalho pode servir de apoio aos interessados em trabalhar

---

<sup>1</sup> Conceito visto em Brokshaw, David. Raça e cor na Literatura Brasileira.

temas relacionados à aproximação entre história e a literatura, como contribuição para o espaço acadêmico, que se mostra lacunar quando se pretende analisar o papel do negro na literatura.

Neste sentido, nosso trabalho teve como principal objetivo analisar as representações, assim como as formas discursivas construídas por José Lins do Rego sobre o negro a partir da categoria de trabalho, gênero e sexualidade, identificando formas de estereotipia presente na leitura, feitas em relação ao negro na obra de José Lins do Rego, percebendo o lugar social do autor na produção das obras do ciclo da cana-de-açúcar, e finalmente, diferenciando o papel social da mulher negra em relação à mulher branca no período pós-abolicionista.

Nosso trabalho foi construído a partir da análise das categorias anteriormente citadas, que fundamentam as discussões acerca das obras que se destacaram na obra de José Lins do Rego e que se encontram diretamente relacionadas à condição do negro no período Pós-abolição no Brasil.

Portanto, estruturamos o trabalho em três capítulos assim delimitados:

O primeiro capítulo, intitulado O diálogo entre História e a literatura trata da produção de novas fontes e abordagens históricas, que modificaram o estudo da historiografia e permitiram a aproximação do conhecimento histórico e da literatura.

O segundo capítulo, intitulado O trabalho em José Lins do Rego, aborda as formas de trabalho a que os trabalhadores negros recém-libertos da escravização estavam submetidos, além da sua tentativa de inserção e reconhecimento no meio social.

O terceiro e último capítulo, intitulado A construção das representações preconceituosas na literatura de José Lins do Rego, se encontra dividido em subtópicos, que abordam o conceito de representação em Roger Chartier, além da questão das apropriações dos discursos em Michel Foucault, e é concluído mostrando a realidade da mulher negra estigmatizada devido a sua sexualidade, dentro do contexto das obras do Ciclo da cana-de-açúcar.

## 1 – O diálogo entre História e a literatura

Sabemos que nem sempre a História foi escrita a partir de perspectivas múltiplas, no que diz respeito ao uso das fontes históricas, pois antes o que determinava o saber histórico era exatamente uma produção voltada para os grandes fatos e os grandes heróis.

Um novo paradigma nas abordagens históricas vem ampliar o campo de pesquisa do historiador, quando o mesmo tem o seu olhar não mais voltado para os grandes feitos de um único indivíduo, a partir de construções objetivistas, mas voltando-se para a possibilidade de uma abordagem subjetivista, a partir do aparecimento da chamada Nova História, que trataria esta como uma nova concepção metodológica a partir do ano de 1929 na França. De acordo com este ponto de vista, os historiadores passaram a abordar novos objetos de pesquisa, devido a transformação na história e a consequente ampliação das fontes de pesquisa a serem identificadas e trabalhadas pelos novos historiadores.

Isso não implica dizer que os historiadores abandonariam os antigos métodos em decorrência dos novos objetos de estudo, aliás, muito pelo contrário, pois naquele momento, mais precisamente no início da década de 30 do século XX, o leque de opções seria expandido, fazendo com que a Literatura fosse considerada como mais uma vertente dentre muitas outras novas abordagens, como o estudo da loucura, do cinema, dos gestos, do corpo, da oralidade, das festas, entre outros objetos de estudo.

Sendo assim, passou a ser destacado o “problema”, fundado em Bloch e Febvre, em que,

A história não seria mais entendida como uma ciência do passado, uma vez que segundo Bloch, passado não é objeto de ciência. Ao contrário, era no jogo entre a importância do presente para a compreensão do passado e vice e versa que a partida era, de fato, jogada. Nessa formulação pretensamente simples estava o método

regressivo: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado (Bloch, 2001, p.7).<sup>2</sup>

Assim, o regresso aos fatos do passado seria feito a partir de problematizações encontradas no presente, no que Bloch chamaria de método regressivo, em que o retorno ao passado não se daria de maneira pura e intocada, mais na busca de solucionar dúvidas relativas ao presente do pesquisador, que em nosso caso, nesta pesquisa foi o preconceito de origem racial, gerado por esteriótipos construídos ao longo dos anos, e que ainda se encontra no meio social, estando passíveis de serem encontrados e representados há muito tempo na literatura brasileira.

Peter Burke, em sua análise à Escola dos Annales, reafirma sobre a importância da mesma no processo de interdisciplinaridade;

Como dizia Febvre, com o seu característico uso do imperativo: Historiadores, sejam Geógrafos, sejam Juristas também, e Sociólogos e Psicólogos”. Ele estava sempre pronto para “por abaixo os compartimentos” e lutar contra a especialização estreita. ( BURKE, 1990, p.12).

Burke afirma ainda, sobre Fernand Braudel, que o mesmo em sua obra “O Mediterrâneo”, apresenta a sua visão interdisciplinar de fatos históricos sintetizados conjuntamente com pontos de vista pertencentes aos Geógrafos e Economistas. O primeiro momento do Movimento dos Annales, como assim o chama Burke, data de 1925 até o período de 1945, tratando-se de um movimento Revolucionário e que mudou a história, já que era contrário a um sistema único e dominante, que impunha verdades na Historiografia mundial.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Prefácio por Jacques Le Goff.

<sup>3</sup> A escola Metódica dita Positivista por muito tempo dominou o saber Histórico, fazendo com que fossem impostas verdades incontestáveis e absolutas, paradigmas que foram quebrados com a chegada do Movimento dos Annales.

A partir das novas mudanças sobre a ampliação dos objetos de pesquisa na história, essas obras passaram a ser analisadas pelos historiadores por terem se tornado novas fontes de conhecimento e de produção do saber histórico. Assim, fica claro que o período que antecedeu o movimento dos Annales, a então chamada Escola Metódica ainda não trabalhava sob este ponto de vista os novos objetos propostos pela Nova História, em que estaria incluída nestes objetos a literatura.

Em seu primeiro momento, os Annales buscaram a substituição da História dos grandes homens pela História – Problema. Logo depois, em sua segunda geração, visou à compreensão de todas as atividades humanas e não apenas aquelas em que estavam em jogo os feitos políticos. E em terceiro lugar veio à colaboração constante da chamada interdisciplinaridade, que se deu através de análises históricas atreladas aos campos da Geografia, Sociologia, economia, Psicologia, da Lingüística, entre outras. O perfil da terceira geração dos Annales é mais difícil de ser traçado do que das gerações anteriores, pois foi nesta geração que, segundo Dosse (1987) houve uma fragmentação, em que as fronteiras da história foram estendidas, de forma a permitir o estudo de temas relacionados ao corpo, a infância, os sonhos e até mesmo o odor. Outros retornaram a história política e dos eventos e alguns continuaram se guiando a partir da história quantitativa (Burke, 1997, p.56).

Percebemos que as novas abordagens entraram em processo de expansão, em que começaram a aparecer trabalhos sobre a História do livro, e também abordagens sobre a educação, a História da Habitação, etc. Um dos importantes autores que trabalhou na perspectiva das novas abordagens foi Jacques Le Goff, que interpretou a Literatura como uma fonte inesgotável de incertezas para o historiador. Segundo Le Goff, o estudo de obras literárias consideradas como sendo “acabadas” ou terminadas só fazem aguçar cada vez mais os questionamentos e as curiosidades sobre aquilo que é subjetivo, e que está além do simples olhar e decodificação das palavras, ou seja, seria o passado inconfessado por trás da obra.

A partir da análise pautada numa leitura subjetiva de uma obra literária, podemos descobrir o mundo em que o autor viveu, e sendo assim, muitas de suas experiências podem ter sido passadas para o contexto da ficção, ou do romance,

que desata para os olhos do pesquisador uma realidade que para ele anteriormente era desconhecida.

Para Le Goff<sup>4</sup>, muitas dessas pesquisas de historiadores com obras literárias podem ser consideradas como um *percurso subjetivo*, no qual:

Se, de um lado, são em consequência menos claros os limites de uma obra, por outro lado, a obra passa a revelar, por suas múltiplas ligações, um horizonte que não se deixa mais separar dela. A pesquisa histórica, se não for unicamente motivada pela atração do achado ocasional, tem essa consequência benéfica de aumentar a informação pela qual um mundo se acrescenta a uma obra, - um mundo talvez exterior a ela, um mundo em que, face ao objetivo alcançado, multiplicam-se os atos e as palavras frustradas, as tentativas inacabadas: neste terreno estranho a obra lança raiz e declara-nos a sua riqueza dependente; ela se revela por meio de suas ligações e desarma a esperança de uma definição excessivamente fácil. (LE GOFF, 1974, p.134).

Segundo Le Goff, seria através da restituição dos sentidos internos à obra que seria possível alargar o tempo descrito nas mesmas. Este sentido muitas vezes oculto seria revelado ocasionalmente a partir da análise do historiador, partindo do pressuposto de que quanto menos envolvido sentimentalmente com o tema, mais detalhes seriam revelados, ou seja, seria na visão de Le Goff algo como um ponto de vista imparcial do historiador, ao analisar a fonte literária. Vale salientar a importância de se conhecer os momentos que antecederam e sucederam a obra, ou seja, é necessário um conhecimento prévio da realidade anterior e posterior a ela, o contexto em que foi escrita é fundamental para a sua análise. Sendo assim, facilitaria ao historiador o olhar mais apurado sobre a realidade a ser estudada.

---

<sup>4</sup> Ver em História: Novas abordagens de Le Goff, a forma como ele aborda a pesquisa histórica, não apenas na Literatura mais também no campo das Artes, da Ciência, e da Religião.

O historiador não obtém resultado positivo em sua pesquisa se o mesmo ignorar a proveniência e a harmonia externa que a obra estará ligada. Pois, na verdade, o objeto não se entrega totalmente e inteiramente ao pesquisador, causando neste uma obstinação ainda maior em busca desse conhecimento intrínseco, que será destrinchado a partir do redobramento de seu trabalho de pesquisa.

A aproximação do objeto de estudo se dará a partir do envolvimento contínuo do historiador com o tema, a partir do aprofundamento gradual do pesquisador, mesmo que esse não seja um profundo conhecedor de determinada realidade, podendo então se adaptar a partir de sua aproximação com o seu novo objeto, que acarretaria, como antes citado, a produção de um conhecimento sob um olhar de “imparcialidade”<sup>5</sup>.

Le Goff e Pierre Nora apresentam a possibilidade de interagir com um objeto de não identificação com o autor, onde segundo a opinião dos mesmos;

A identificação é um esforço para unir-se aquilo que no início, não é mais do que um apelo ou uma promessa percebidos num ser diferente de nós. A adesão que identifica não nos é, portanto dada de início, ela é uma coisa que se consegue, ela se consegue no fim de um movimento e de um trabalho de aproximação. (LE GOFF e PIERRE NORA, 1974, p.135).

Segundo a concepção desses autores, a distancia que separa o mundo do pesquisador e de seu objeto de estudo deve ser mantida, pois sua análise tende atingir um grau bem maior de imparcialidade diante dos fatos e de sua construção histórica, quando na verdade, se o pesquisador estiver envolvido sentimentalmente com o objeto, pode ocasionar que sua imparcialidade seja afetada diretamente em seu trabalho, comprometendo a sua pesquisa e podendo esta se tornar uma “ficção”,

---

<sup>5</sup> O historiador tenta ser imparcial em suas análises, mesmo sabendo que este conceito é relativo, dado o envolvimento com o objeto de estudo e a seleção de fontes feitas pelo historiador na busca de solucionar suas dúvidas, podendo gerar um resultado de uma pesquisa parcial ao seu ponto de vista. Portanto, o conceito de imparcialidade aqui visto é o de Le Goff.

no sentido de falta de cientificidade ou um tema de exaltação do objeto de pesquisa por parte do pesquisador.

Essa “ficção” do autor pode transformar um trabalho científico em um trabalho literário, já que o interprete poderá escrever o que lhe convier, devido principalmente ao seu envolvimento político, romântico, ou por causa de outra intervenção cultural, que pode acarretar, segundo Le Goff, no enfraquecimento do objeto em seu valor científico.

O historiador deve interrogar energicamente o seu objeto, pois não adianta investir em uma pesquisa se as perguntas forem direcionadas aos documentos com superficialidade. Isso provavelmente acarreta o enfraquecimento do trabalho desenvolvido. Assim, o que vimos até agora é o fato de que, da primeira a terceira geração dos Annales, autores como Le Goff, Bloch, Burke dentre outros foram capazes de mudar a concepção e a escrita da História. Foram os responsáveis de repassar o estudo da História de um conceito global para uma História em migalhas, tornando possível, em nosso caso, a análise de textos da literatura e diferentes formas de se produzir História.

Foi o que Reis (2003) chamou de uma Revolução da descontinuidade, já que houve essa recusa de sistemas, e uma abertura à experimentação, as ciências sociais e a própria interdisciplinaridade, onde a série seria substituída pelo “evento”, havendo a interpretação de fatos não totalizáveis; não encaixados em uma História totalizante, Serial ou Global (REIS, 2003, p.84). Uma História onde um único Historiador não seria senhor absoluto e dono de um único olhar sobre o mesmo objeto. Portanto, essa concepção elaborada, principalmente pela terceira geração dos Annales, gerou muita desavença entre os acadêmicos, em que muitos defendiam que a fragmentação Histórica seria responsável pelo “atraso” da Historiografia, enquanto que outros defendiam que este mesmo tipo de abordagem seria um “avanço” na história.

Partindo da visão histórica proposta pelos autores da Nova História, buscamos abordar as obras do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, um dos mais importantes escritores paraibanos da chamada geração de 30, que trouxe a tona neste trabalho práticas culturais do negro recém-liberto, de forma a captar os

registros de linguagens, esteriótipos, comportamentos e das expressões locais utilizadas nos Engenhos de cana-de-açúcar do início do Século XX.

Assim, sabendo sobre a importância literária na produção de conhecimento histórico e científico, nos voltamos para uma pesquisa teórica e literária, observando também o lugar social de José Lins do Rego.

### 1.1 – O lugar social de José Lins do Rego

Para que não se cometa o erro de se produzir História prática sem teoria, é necessário que se observe o lugar social ao qual o autor está inserido enquanto ser social e se apropriar da realidade em que o mesmo esteve ligado.

Em Certeau, o uso da prática sem teoria desembocaria em valores eternos, ou podem transformar a pesquisa na apologia de um intemporal.

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma Literatura). É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada como atividade humana enquanto prática. (CERTEAU, 1982, p. 65)

O discurso de Certeau pode ser empregado facilmente nas obras de José Lins do Rego, no sentido de que o mesmo criara toda uma realidade em que viveu no engenho e que foi transmitido através de suas obras literárias. Os personagens de Rego nos convencem com maestria o quanto nos aproximou do mundo “real” que marcou a vida cotidiana nos Engenhos da zona da mata paraibana.

Segundo Certeau, é no lugar social que devemos atentar para as particularidades do autor, e se o mesmo estaria ligado a privilégios de classe social. É em função deste lugar social que o historiador irá se utilizar dos métodos

necessários à organização de um trabalho científico, epistemológico e questionador de realidades. (Certeau, 1982, p. 65 – 66)

O lugar social de José Lins do Rego, o “sertanejo do Pilar”<sup>6</sup>, coloca em suas obras o recorte histórico de um povo recém-liberto da escravidão e que, mesmo assim, não se encontrava inserido no trabalho totalmente livre e remunerado. Sua obra floresceu junto a influência das antigas senzalas e aos mandos e desmandos dos senhores de engenho, e é por meio de sua “fábula” que o autor se posiciona de forma direta sobre a sua experiência de vida, que a torna trágica mais ao mesmo tempo reflete vários problemas de um contexto social da época de sua infância.

O uso de estereótipos como o “pretinho” eram normais aos olhos das pessoas no contexto pós-abolição, como podemos identificar em trecho do livro Menino de Engenho, durante o primeiro contato do personagem Carlinhos com um negro; *“E na primeira parada deixamos o trem, com grande saudade para mim. Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco.”* (Rego, 1991, p.8)

A sua visão romantizada do Engenho na obra Menino de Engenho dar maior visibilidade ao lado da submissão, da passividade do negro diante do dono da terra, deixando oculto o olhar mais rebelde do negro, já que a visão que ele quer expor nesta obra é o seu olhar infantil, no qual tudo que acontecia ao seu redor seria normal, divertido. O olhar de resistência do negro em lutar contra a exploração do contexto em que estavam inseridos é mais explícito na obra O Moleque Ricardo.

O grande sucesso de José Lins do Rego pode ser explicado pela maneira simples e objetiva de sua escrita, ou seja, era um homem que em momento algum negava a sua origem, o seu lugar social, podendo arrebatador leitores de todas as idades e localidades. Em Rego não havia a preocupação de escrever para a academia, mais sim na maneira peculiar que deveria manter os traços culturais de seu lugar de origem. Entretanto, Certeau alertou que não é apenas necessário o reconhecimento do lugar de origem para que se venha a produzir História, esta é apenas a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser legendária (edificante) ou nem atópica (sem pertinência).

---

<sup>6</sup> A concepção de sertão no início do Século XX era diferente do sertão como área espacial dos dias atuais.

Vale lembrar que inicialmente, a obra Menino de Engenho se chamaria “Memórias de um Menino de Engenho”, já que se tratava das memórias de José Lins do Rego, ali expostas em sua obra, que teve seu título modificado antes de ser publicada, e, portanto, muito do que é dito em Menino de Engenho é reflexo de comportamentos e experiências vivenciadas na época de infância do autor.

## 2 – O discurso elitista e as relações de trabalho na obra de José Lins do Rego

Neste capítulo abordaremos a construção de um discurso elitista moldador de opiniões, que constrói e desconstrói estereótipos a partir de suas necessidades, e que na obra de José Lins do Rego define o lugar social do negro em determinado momento da história, a partir da reprodução de comportamentos sociais de determinada época, que são reproduzidos no discurso do autor em consequência de sua vivência em um contexto que reproduzia preconceitos sobre a figura do negro de forma naturalizada.

### 2.1 – Os Donos do discurso elitista

Existem discursos que podem ser considerados maléficos, terríveis, e que, segundo Foucault, são impostos de forma ritualizada e instituída, fato que o intrigou devido à ordem das coisas que se apresentavam no mundo que o cercava.<sup>7</sup> A duração dos discursos instituídos não pertence ao homem, já que o seu tempo é indefinido, como afirma Foucault em suas inquietações;

Inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina, inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (Foucault, 1996, p. 8).

Encontrar o discurso dominante nas obras do ciclo da cana-de-açúcar de José Lins do Rego foi uma das inquietações que nos moveram a produzir este trabalho, de buscar a forma como o negro tentava adquirir o seu espaço na sociedade a partir da abolição da escravidão no Brasil. Observar, de acordo com

---

<sup>7</sup> Parafrazeando Foucault, A Ordem do Discurso, 1996, p.7

Foucault, que em toda sociedade a produção da desigualdade é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, e esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 1996, p. 8-9).

A realidade que o negro se encontrava no período pós-abolição era de verdadeira exclusão social, tendo em vista que eram poucos os seus representantes na elite, e além do mais, o discurso oficial expunha uma realidade de interdição da exposição da subjetividade do negro e limitava o seu poder de reação frente ao meio social em que viviam, sendo que o direito privilegiado estaria sempre ao lado dos sujeitos falantes, de voz mais ativa e impactante no meio social, em sua grande maioria de brancos, que reforçavam esta grade de interdições, principalmente em relação ao preconceito, que criaria uma série de estereótipos, e acabariam por transpassar todo o século XX, persistindo com muitos e criando outros acerca da figura do negro no Brasil até os dias de hoje.

Em Foucault, o discurso revela uma ligação direta com a manutenção do poder, sendo, inclusive, objeto de desejo de quem almeja a sua obtenção;

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso como a psicanálise nos mostrou. Não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo. Isto a história não cessa de nos ensinar. O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (Foucault, 1996, p. 10).

O discurso monta verdades no decorrer do tempo, as quais passam a se tornar profundas e incontáveis. Assim, em Foucault (1996), o discurso mascara a verdade da exclusão, em benefício da verdade do poder, da riqueza, e funciona

como sistema de dominação e exclusão, fazendo parte do discurso ligado ao jogo de poder e do desejo de obtê-lo.

A construção dos estereótipos é proveniente de discursos que com o passar do tempo se conservam e tornam-se ritualizados, e nosso tema acerca da temática afro-brasileira expõe a dificuldade em reconhecer a existência do preconceito por origem racial, tão impregnado na literatura e na mídia brasileira há muito tempo. Ao nos depararmos com o discurso de uma classe dominante, como por exemplo, os senhores de engenho do Nordeste brasileiro no período colonial, acabamos por observar um discurso cristalizado, e como afirma Foucault, que não trata de desaparecer de imediato, mas sim deverá passar a ser ressignificado, a partir do momento em que o mesmo passa a ser recontado, reconstruído por diversas vezes, onde aos poucos ele entra em processo de mutação gradual e quase sempre extremamente lenta.

Ao analisar as obras do ciclo da cana-de-açúcar, em José Lins do Rego, percebemos o fato de sua escrita não se tratar de uma mera narrativa ficcional, mas sim de uma vasta experiência de vida, marcada pelos discursos que o cercava durante o momento de sua infância, vivenciada no engenho de seu avô. Sendo assim, como afirma Foucault, sobre o discurso literário;

Na ordem do discurso literário, e a partir da mesma época, a função do autor não cessou de se reforçar, todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta, (e exige que respondam) de onde vêm, quem os escreveu, pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob o seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá a inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de carência, sua inserção no real (Foucault, 1996, p.27-28).

Na literatura, mesmo que o autor analisado já tenha morrido, isso não impede que o mesmo não tenha exposto um discurso que de fato tenha realmente existido, já que, parafraseando Foucault (1996), este autor real, esse homem que irrompe em meio a todas as palavras usadas, traz nelas todo o seu gênio ou sua desordem. Portanto, é impossível negar a existência deste indivíduo que escreve e idealiza a sua obra de ficção; onde tudo aquilo que ele escreve e também o que não escreve acaba finalmente por cair como conversa cotidiana, não deixando de se revelar como um mecanismo imprescindível de análise histórica.

Observar os “erros” de uma sociedade de um tempo distante no passado é um fator fundamental para que se perceba qualquer tipo de evolução dentro da realidade que inquieta o pesquisador, quando o mesmo faz a comparação do seu presente com o objeto de estudo. Em todo caso, o preconceito por origem racial tão recorrente no século XX, insiste em permanecer com os detentores do discurso dominante, mesmo se passando mais de cem anos do fim da escravização no Brasil.

O erro do preconceito se mantém por conta de práticas discursivas definidas, onde rondam “monstros” que mudam lentamente de forma com o passar dos anos. O estereótipo pode ser comparado a uma disciplina escolar, onde o conceito de “verdade” e do que é “errado” pode variar de acordo com novas descobertas e opiniões, a partir de novas fontes científicas. Sendo assim, após o final da escravização no Brasil, o discurso estereotipado acerca da figura do negro parecia ser normal aos olhos da sociedade, principalmente se falarmos da elite branca e economicamente dominante, que demorou a aceitar a inserção do homem negro no trabalho livre e assalariado, fato que se repetiu desde a segunda metade do século XIX, quando se intensificou a presença de imigrantes no Brasil.

Além disso, a divulgação de teorias sociais que afirmavam a “superioridade” branca e o fato do Brasil ter de evoluir a partir de um processo de branqueamento da população, no chamado Darwinismo Social, atrapalhou e muito a inserção do negro em definitivo em melhores posições no contexto social.

O discurso legitimado como verdadeiro é tão forte que, como afirma Foucault, é necessário que haja um constante policiamento de tudo o que nós dissermos e

pensamos, a fim de se enquadrar, obedecer ao caminho determinado pelo discurso, onde;

É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem, mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo as regras de uma “política” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos (Foucault, 1996, p.35).

A função da história como disciplina é se apoderar do discurso e, segundo Foucault, transformar esse discurso histórico em uma ferramenta de coerção, e sendo assim, multiplicar o seu poder sobre o “novo” discurso formado, que vai se contrapor ao antigo, preconceituoso e estereotipado. A forma de educar é a maneira pela qual a palavra se ritualiza e fixa os papéis dos sujeitos que falam. Ela se apropria do discurso com os seus poderes e saberes, ou seja, a educação representa mais um sistema de sujeição do discurso. O discurso cria signos, que são lidos e divulgados a partir da troca entre sujeitos, que fazem nascer à verdade diante de seus próprios olhos (Foucault, 1996, p. 49).

Existe grande dificuldade em reconhecer a existência de um discurso dominante, tendo em vista que o mesmo muitas vezes pode ser perigoso e violento. Portanto, de acordo com Foucault (1996), há uma espécie de temor em nossa sociedade, de se combater esse discurso institucionalizado e dominante. Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. E mais, não podemos superar o temor do discurso e seu jogo, mais podemos tentar tomar consciência sobre as verdades que nos são impostas.

É preciso, creio, optar por três decisões as quais nosso pensamento resiste um pouco, hoje em dia, e que correspondem aos três grupos de funções que acabo de evocar. Questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante (Foucault, 1996, p. 51).

Na realidade, os discursos nunca deixarão de existir, mas ao se utilizar o que Foucault chama de princípio da descontinuidade, onde os discursos devem ser tratados com práticas descontinuas, que se cruzam e por vezes se ignoram e se excluem. Segundo Foucault, devemos contestar a verdade imposta pelo discurso, e assim;

Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos as coisas, como uma casa que lhes impomos em todo o caso, e é nesta prática que os acontecimentos do discurso se encontram a sua regularidade (Foucault, 1996, p. 53).

A história como é escrita atualmente investiga aquilo que esta além do dito explicitamente, ela enxerga o contexto em busca de discursos que poderiam ser repetidos em períodos de média ou longa duração, nisto temos a literatura como uma importante fonte de pesquisa da história.

Em José Lins do Rego tentamos enxergar os discursos da elite açucareira, tentando reformular as práticas que os mesmos consideravam “naturais” para a época, enquanto que, ao mesmo tempo possamos ser capazes de visualizar o que os senhores de engenho consideravam como “errado”, e viam com desaprovação, isto é, observar as duas concepções de discurso presentes na obra de José Lins do Rego é fundamental para se observar o discurso ritualizado de que fala Foucault, e que se encontra impregnado de poder e de perigos entre esta discrepante concepção de “Certo e Errado”.

## 2.2 – Relações de trabalho na obra de José Lins do Rego

José Lins do Rego coloca em sua obra a realidade específica da área conhecida como cinturão verde do Nordeste. Sendo um produto da elite agrária, Rego tinha uma visão quase sempre romântica de sua terra, onde seus personagens lamentavam a queda de um mundo, os engenhos velhos, em detrimento da substituição pelas usinas. Assim, esta fase representa a transição do processamento da cana-de-açúcar do meio familiar para as grandes corporações.

As obras do chamado ciclo da cana-de-açúcar abordam a resistência dos senhores de engenho em tentar manter a ordem social vigente desde os tempos da escravatura, já que estavam por perder gradualmente sua mão de obra “servil” pela mão de obra assalariada oferecida pelas usinas, o que de certa forma foi inevitável, mesmo sendo um processo de transição lento.

A escolha das obras de José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, *Banguê* e *O Moleque Ricardo*, que mostram as relações dos negros com a sociedade no período que sucede a escravidão fora do campo e que mostram o cotidiano de muitos negros na zona rural e urbana, tornam-se de extrema importância documental, quando se trata da luta pela inserção social dos negros na cidade. Essa dificuldade reforçaria o discurso dos senhores de engenho de que a nova ordem instalada nos mesmos estaria incapacitada de melhorar a vida dos seus moradores. Sendo assim, o sistema de exploração que insistia em permanecer no engenho seria aquele em que o negro estaria sob a “proteção” do seu senhor, já que, de acordo com o discurso elitista do senhor de engenho na obra de Rego, os gastos em equipamentos das novas usinas superariam os gastos com moradia, alimentação e vestimenta dos ex-escravizados. Assim, os ex-proprietários de escravos acreditavam e repetiam o discurso de que o negro teria uma atenção maior na época em que os engenhos estavam no auge, no período da escravização, em que os escravizados teriam uma condição de vida “melhor” do que na época em que foram libertos, como nos mostra o discurso do avô do personagem Carlinhos em *Menino de Engenho*;

Para esta gente pobre, a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha seca e trabalhando o dia, o que ganham não dá nem pra comer o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angu de milho e carne do Ceará, e não andavam como hoje, com os troços aparecendo. Só vim ganhar dinheiro em açúcar com a abolição. (Rego, 1991, p.84)

Apesar do personagem Zé Paulino dizer que teria ganhado mais dinheiro depois do fim da escravidão, sua afirmação mostra o desconforto pela perda do status de “protetor” dos seus trabalhadores, em sua maioria negros. No caso das mulheres, muitas permaneceriam sobre essa tutela pelo resto de suas vidas.

Geralmente ocorria o fato de que mesmo após a abolição, seja no trabalho assalariado ou não, as condições de miséria dos trabalhadores livres, especificamente da zona rural pouco mudavam, restando para muitos a alternativa de sair para a zona urbana em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Ora, ao se referir aos escravizados recém libertos, Rego de certa forma confirma a continuidade da servidão no período Pós- abolicionista, no qual muitos negros ainda serviriam os mesmos senhores pelo resto de suas vidas, conforme destaca um trecho de sua obra Banguê;

Mestre Cândido, ainda o peguei no Engenho, tinha uma perna torta que lhe quebrara um carro de boi. Pequeninho, a cabeça branca de carapinha e com uma barba que não crescia nunca. Fora escravo, e não deixara o ofício com a liberdade, continuava com seu José, como chamara o meu avô, a fazer milagres com o mel, a pedir fogo para suas tachas, a cozinhar assim até morrer (Rego, 1976, p.8).

Apesar da capacidade e da mão de obra especializada de alguns negros para certos trabalhos na produção do açúcar, os mesmos não conquistavam o reconhecimento suficiente para que fossem bem remunerados. Então, muitos permaneciam trabalhando para o senhor sob a alegação de que ali se encontrariam sob a “proteção” dos seus antigos donos, o que fazia com que o seu trabalho fosse “recompensado” com a moradia e alimentação, e nada mais.

A mentalidade do povo brasileiro quanto à condição dos ex-escravizados não mudaria tão rapidamente, no sentido de sua aceitação e participação no meio social, tendo em vista o vício em que o Brasil havia mergulhado desde os tempos coloniais e do início do tráfico negreiro, vício este que demorou e ainda persiste na sociedade em forma de preconceitos e estereótipos, as vezes reforçados, outras denunciados pela Literatura no decorrer do tempo.

Até 30 anos depois do fim da escravização, o que se percebe na obra de Rego é o fato de que trabalho pesado é sinônimo de negro cativo, em que o material humano utilizado nos serviços pesados sempre seria o negro. No caso das mulheres, estas sempre executariam os serviços mais rústicos e simples. Além do

mais, estereótipos relacionados à sensualidade da mulher negra se encontram presentes em sua obra, assim como o mito do bom escravo, que serve o seu senhor com extrema paciência. Sendo assim, seus romances que abordam o ambiente dos engenhos não nos deixam escapar o clima “do trabalho livre dos recém-libertos como uma espécie de vassalagem com cheiro de escravidão” (Rego, 1976).

Para os afrobrasileiros que viveram no início do século XX, o conceito de liberdade era algo extremamente confuso, no sentido de que não haveria durante o período pós-abolição uma inserção em massa dos ex-escravizados dentro de um mercado de trabalho assalariado. O próprio José Lins do Rego faz o seu personagem Carlinhos se posicionar negativamente ao recordar o tratamento desumano a que os negros estavam sujeitos, mesmo depois de serem libertos, como nos mostra um trecho de *Banguê*;

Aquilo era uma espécie de servidão monstruosa. Porque o velho Zé Paulino não intervinha contra a cunhada? Por que aquela neutralidade criminosa onde não podia existir neutralidade alguma? Veria o meu avô os negros do seu engenho como bichos? Um sagüim? Um porco, um cachorro? (Rego, 1976, p. 32)

O trecho acima é de suma importância dentro desta pesquisa, pois identifica o posicionamento do autor, ao ver que o mesmo tinha plena consciência da exploração sofrida pelos trabalhadores dos engenhos, o que nos dá a entender que o José Lins do Rego estaria expondo em sua obra a realidade preconceituosa que marcava toda a sociedade brasileira durante o processo de inserção social do negro no trabalho livre, ou seja, ele escreveu sabendo que havia uma grande exploração do negro no início do século XX.

Na obra *Banguê* fica também explícito o fato de que a sobrevivência dos últimos engenhos teria se perpetuado devido a esse trabalho de “servidão” adotado pelos senhores de engenho.

O processo de inserção do negro no trabalho remunerado com ordenado<sup>8</sup>, como antes dito, foi bastante lento e gradual, já que não havia muitas leis que favorecessem e regulamentassem o trabalho do homem do campo. Assim, enquanto alguns senhores de engenho pagavam os negros com roupas, alimentos e moradia, outros pagavam por serviços prestados, sem vínculo empregatício. Muitos desses detalhes são vistos na Obra de José Lins do Rego, como nos mostra este outro trecho de Banguê, onde o autor coloca na ficção o que provavelmente acontecera na realidade de muitos engenhos;

No Santa Rosa as negras foram ficando a trabalhar pelo que comiam e vestiam, como antes de 88. Comiam bem, os filhos se criavam na fartura e era tudo para elas. A velha Maroca corrigia esse abuso. Os seus serviçais faziam ordenado, tempo de cativoiro tinha passado. (Rego, 1976, p.105)

A representação da zona rural, tida ainda como um bom lugar para os negros é defendida através do personagem Ricardo, que vai à cidade de Recife na obra “O moleque Ricardo”, e se choca com a malícia de um mundo totalmente diferente do engenho. Na cidade, os patrões não ofereciam a suposta “proteção” que a maioria dos trabalhadores negros estavam acostumados nos engenhos. Este livro mostra a experiência social de Ricardo, negro saído do engenho para a cidade, onde o personagem principal sempre se recorda com saudade do estilo de vida do campo, daquela velha ordem estabelecida na zona rural. A obra retrata a figura do negro bom e fiel, aquele que tinha a certeza do sono sossegado e do prato de comida certo na mesa, e que agora se deslocaria para a zona urbana e estabeleceria contratos com os novos patrões em busca de salário.

O moleque Ricardo incorporava, como antes dito, a figura do negro fiel, e sua saída do engenho desagradara o senhor, pois sem costume de ver o negro tentar sair da sua condição de submissão, o Coronel criticaria atitudes como a de Ricardo em tentar vida nova na cidade, passando a vê-lo como um negro “fujão”, mesmo que

---

<sup>8</sup> Remuneração por ordenado seria uma das maneiras de se referir a trabalhadores assalariados no início do Século XX.

o menino não tivesse nenhum vínculo empregatício e em uma época que a escravidão havia passado, como mostra a frase a seguir: *“Negro fujão, pensa que lá fora vai ter vida melhor. Vai é morrer de fome. Outros tem se arrependido.”* (Rego, 1978, p. 7)

A fala acima do senhor de engenho deixa claro o não reconhecimento do direito de ir e vir do negro, descendente de ex-escravizados. Ao mesmo tempo, este senhor de engenho tem a consciência da dificuldade que o menino Ricardo teria ao se deparar com o “mundo exterior”, com as novas relações de trabalho que encontraria fora do engenho. A expressão “trabalhador alugado” era bastante utilizada na zona rural, tendo em vista o fato de que muitos trabalhadores eram prestadores de serviço, isso tudo em troca de favores, de alimentação e de roupas, dificilmente se falava em salário fixo para eles. O termo “empregar” parecia novidade nos engenhos paraibanos, acostumados com relações de trabalho baseadas no clientelismo e na “proteção”. O trabalhador do engenho, segundo a ótica exposta pelos personagens de José Lins do Rego, produzia bem mais do que os negros que viviam na cidade, e assim, estaria comprovado o estereótipo do escravo manso, do eito do engenho e fiel ao coronel.

Enquanto isso, na cidade os negros começariam a entrar nas primeiras associações de operários do século XX, sendo o início de lutas por melhores condições de trabalho, diante da opressão exercida pelos patrões. Vale lembrar que o autor, no decorrer de sua carreira, se posiciona em diversos trechos de sua obra afirmando estar ciente da exploração a que os negros estariam sujeitos, seja no campo ou na cidade, como visto em um trecho de *O Moleque Ricardo*;

Cordeiro não lhe respeitava a fama de rico, de herdeiros de latifúndios. Metia o pau nos feudos, nos senhores de engenho, na miséria dos trabalhadores... Junto aos entusiastas da revolução do Doutor Pestana, Carlos de Melo passava por um intruso, um sujeito perdido, que trazia nas costas os crimes de exploradores, de malvados senhores de escravos. (Rego, 1978, p. 47)

Mesmo depois da consolidação do trabalho livre no Brasil, após o período da escravidão, havia pouco reconhecimento do negro como sujeito qualificado a lutar por direitos de igualdade com os brancos, assim, mesmo os próprios negros demoraram a reconhecer o seu lugar e o papel social de sua luta na tentativa de transformação da sociedade, tamanho era o preconceito racial no contexto em que estavam inseridos, como nos mostra esse trecho de *O Moleque Ricardo*: “*Seu Lucas combatia as greves, não gostava de ver negros com empáfia de branco. Para que negro com luxo?*” (Rego, 1978, p. 66)

O personagem Ricardo era uma figura que estava adaptado ao trabalho pesado, e a partir do momento em que o mesmo melhorou de vida durante a trama, algo de estranho acontecia, já que ele sempre se lembrava com saudade do engenho onde fora criado. A Rua do Cravo, onde depois o personagem teria ido morar, apesar de ser bem melhor do que a antiga Rua do Cisco, onde havia passado uns tempos, não trazia a “alegria” incomparável daquela sentida em tempos de outrora no engenho. “*O moleque que se criara na senzala fedorenta do Santa Rosa, com a mãe se espojando na cama com os homens sentia nojo da Rua do Cravo.*” (Rego, 1978, p. 177)

Através do personagem Ricardo, o autor José Lins do Rego mostra que ao sair da cidade, os negros perderiam as “vantagens” de se viver próximo ao trabalho familiar, do engenho, sempre sob a tutela do senhor dono das terras, enquanto que na cidade encontrariam todas as dificuldades imaginadas, onde a desgraça seria acompanhada pela miséria dos negros cotidianamente, segundo o entendimento do senhor de engenho.

Em alguns trechos de sua obra *O Moleque Ricardo*, José Lins do Rego deixa transparecer o fato de que a vida dos negros livres inseridos no trabalho assalariado se assemelharia a vida nos tempos da escravização. Já que o trabalho assalariado e as péssimas condições das fábricas naquele período tornavam o operário tão cativo quanto um escravo. Isso sem falar da vida miserável proporcionada pelos aviltantes salários pagos aos trabalhadores do início do século XX, estando aí inseridos não apenas os negros, mais a classe proletária nascente em todo o Brasil naquele momento.

O período que sucede a escravidão é marcado na obra literária *Menino de Engenho* pela presença dos negros nos ramos de trabalho mais inferiores possíveis, sendo que, mesmo após o término da escravatura no Brasil, permaneceram executando os mesmos serviços pesados e destinados aos ex-escravizados. Ao se referir a sua personagem *sinhazinha*, José Lins do Rego destacou o tratamento dado as negras do seu avô;

As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre uma negrinha, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus prazeres brutais. Vivia a resmungar, a encontrar malfeitos, furtos em coisas da despensa, para pretexto de suas pancadas nas crias da casa, As negras odiavam-na. (Rego, 1991, p.15)

Além do mais, o domínio do senhor de engenho se refletia em práticas antigas, da época da escravidão, como por exemplo, os castigos físicos que eram aplicados aos trabalhadores que praticassem um ato “criminoso” segundo o discurso da época, como nos mostra o capítulo 18 do livro *Menino de Engenho*;

O meu avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vê-lo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco. Somente um negro ladrão de cavalos ficara ali até que se chegassem os soldados da vila, que o levaram. Agora, porém, Chico Pereira estava lá, com os pés no buraco redondo... O cabra, deitado de costas, com os pés presos no tronco, me impressionou com aquela sua fala de revoltado... No outro dia voltei para junto do prisioneiro... As pernas presas já estavam inchadas, apertadas demais no buraco do tronco... Estava com o corpo todo dormente. Aquela imobilidade de mais de vinte e quatro horas ia deixando entorpecida a circulação. Quando foi solto, ele não podia andar. Os pé inchados não tocavam no chão. (Rego, 1991, p. 42-45)

Este evento relatado na ficção baseada nas memórias do autor revela o poder do patriarca sob aqueles que viviam em suas propriedades, neste caso, o tronco ainda representava uma simbologia de poder do coronel, pois ainda estava lá, mesmo após a abolição. O personagem Chico Pereira havia sido preso ao tronco por “mexer” com uma das mulatas da fazenda. Eram decisões tomadas à parte das instituições públicas oficiais, como a polícia, característica que é marcante na República velha do sistema político e de dominação que ficou conhecido como coronelismo.

Muitos negros que passaram da condição de cativo para trabalhadores livres ainda moravam na senzala, espaço que continuou permanecendo o lugar de abrigo para os ex-cativos;

Restava ainda a senzala dos tempos de cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a “rua”, como elas chamavam as senzalas. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro. Maria gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e de vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão. As duas filhas e netas iam-lhe sucedendo na servidão, com o mesmo amor a casa grande e a mesma passividade de bons animais domésticos. (Rego, 1991, p.54-55)

Nota-se que a partir de trechos como o exposto anteriormente, que boa parte dos negros libertos a partir da lei Áurea não encontravam novos espaços dentro da sociedade republicana, e no campo, onde a influência das relações patriarcais se dava de maneira acentuada em favor do excesso de respeitabilidade a figura do senhor de engenho, observamos que o trabalho “servil” era bem mais comum. Talvez estes fatos se expliquem pelo fato do Brasil do início do século XX ainda ser um país onde a economia a se destacar fosse tipicamente agrária, e que esta realidade da nação só mudaria a partir da década de 30, através do fim dos ciclos oligárquicos que ficaram conhecidos na história como a política do café-com-leite, que dominavam o Poder Executivo no Brasil até então.

Apesar da maioria dos negros da zona da mata paraibana estarem vivendo em péssimas condições de vida, muito executavam serviços especializados, e por se tornarem quase que insubstituíveis, alguns tinham certa autonomia diante dos brancos, como é o caso da personagem Velha Generosa, que era cozinheira há muito tempo e detinha de um grau elevado de autonomia em seu trabalho; *“A velha Generosa cozinhava para a casa grande. Ninguém mexia num cacareco a não ser ela. E se viessem se meter nos seus serviços, que tomavam gritos, mesmo se fosse gente da sala”*. (Rego, 1991, p. 59)

Parafrazeando José Lins do Rego, que dizia pela voz da personagem que: - *quem quisesse mandar na cozinha que viesse para a boca do fogo*.

E quando iam reclamar qualquer coisa com a dita personagem, o autor dizia que a mesma saíria com *“as quatro pedras na mão:” – que se quisessem era assim. Tempos de cativo já tinham passado*. (Rego, 1991, p. 59)

As relações de trabalho, ao que se percebe, continuariam quase a mesma coisa dantes, sendo que os negros permaneciam nas fazendas, só que agora sob a *“proteção”* dos senhores de engenho, já que, novamente parafrazeando o autor, a senzala do Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pegada a casa grande, com as suas negras parindo, as boas amas de leite e os bons cabras do eito. (Rego, 1991, p.59)

As condições dos ex-cativos reveladas neste trabalho só foram possíveis através da análise dos discursos dos personagens de Rego, como por exemplo, a maneira que o avô do personagem Carlinhos, inspirado no seu próprio avô tratava os seus foreiros, muitos deles ex-escravos. Em determinados momentos da obra Menino de Engenho, os negros não tinham opções de trabalho com boa remuneração dentro da sociedade, tendo que regressar muitas vezes aos antigos senhores em busca de abrigo e trabalho, caso contrario, poderiam morrer de fome devido a falta de oportunidades em outros engenhos ou na cidade.

### 3 – A construção das representações preconceituosas na literatura de José Lins do Rego

Ao observar o olhar infantil que José Lins do Rego coloca em seu romance *Menino de Engenho*, a condição do negro é vista sempre como natural, sendo a submissão uma característica marcante nesta obra;

Nunca menino, tive pena deles. Achava muito natural que vivessem dormindo em chiqueiros, comendo um nada, trabalhando como burros de carga. A minha compreensão da vida fazia me ver nisso uma obra de Deus. Eles nasceram assim porque Deus quisera, e porque Deus quisera nós éramos brancos e mandávamos neles. Mandávamos também nos bois, nos burros, nos matos. (Rego, 1991, p. 82)

Na obra *Banguê*, ele aborda a figura do ex-escravizado ainda inserido em um ciclo de “servidão”, não havendo se libertado completamente dos comportamentos de uma sociedade que estava viciada por muitos séculos na escravização de seres humanos. A mentalidade da sociedade dos senhores de engenho onde o autor viveu parecia ignorar os novos tempos de liberdade, fazendo com que os estereótipos construídos no tempo da escravidão se arrastassem muito tempo, mesmo após a abolição.

Representando o modernismo na literatura da década de trinta do século XX, sua obra, apesar de caminhar pelos caminhos da ficção, é de um grau elevado de informações sobre os comportamentos de uma época e de um lugar, neste caso os engenhos da região da mata paraibana. O lugar social de José Lins do Rego permite que o mesmo transforme sua obra em uma mistura de sentimentos, sendo estes tristes e alegres, e que fazem o leitor perceber o toque de realidade que o autor viveu, tornando sua obra uma rica fonte utilizada na construção do saber histórico.

Os seus relatos de uma experiência vivida trazem à tona a realidade sofrível do negro no período pós-abolição da escravidão no Brasil, mesmo sob uma

linguagem que aos olhos dos leitores atuais possa parecer que o autor era preconceituoso, o mesmo se encontrava isento de culpa, quando se diz respeito ao racismo, já que ele apenas reproduziu a maneira como pensavam a sociedade daquele período. Para que não se caia numa espécie de anacronismo histórico, é necessário que se investigue os estereótipos que se tinham sobre a figura do negro na época estudada, em nosso caso, sobre a condição social do negro nas três primeiras décadas pós 1888.

A condição social do negro se refletia também na educação, e isso também é colocado com maestria nos livros de Rego, onde tanto negros como brancos pobres não tinham como prioridade mandar seus filhos para a escola, pois esta servia apenas a uma minoria, quase sempre concentrada na elite da época. Rego usa um ditado bem corrente na época que dizia: *“Para que servia a carta de ABC se os mesmos ficariam na enxada? A escola pública só aceita meninos que pelo menos usem sapatos, quando na verdade a maioria deles não tem nem os próprios “pés” para calçar”*. Neste trecho Rego faz alusão a dura condição econômica dos negros recém-libertos, e os poucos que conseguiam se desvincular da condição de miséria chamariam a atenção de imediato dos brancos, posto que desta forma, na tentativa de se desvincular de sua condição de miséria, também causariam uma espécie de “incomodo social” diante dos setores mais conservadores da elite, que tinham seus filhos matriculados nas escolas públicas, espaço que ainda não era comumente dividido com os filhos de ex-escravizados, ainda se encontrando bem restritas as camadas sociais ditas subalternas.

Um dos exemplos de um negro que se destacou em sua ficção é o personagem Capitão Marreiro, da obra Banguê, onde o dito coloca o Engenho Santa Rosa a prosperar na sua produção de pães de açúcar, e o seu comando sobre outros negros causa espanto do personagem Carlinhos, inclusive causando a recusa por parte de outros negros sobre a aceitação de Marreiro no comando do engenho, os próprios negros, em certo momento da obra lançavam rimas para desmerecer a figura de Marreiro, tido por eles como “atrevido” e “inferior” ao homem branco;

Branco Deus o fez,

Mulato Deus pintou,

Caboclo bufa de porco,

Negro o diabo cagou.

Branco dorme na sala,

Mulato no corredô,

Caboclo na cozinha,

Negro no cagadô. (Rego, 1976, p.172)

Como mostrado no poema e no decorrer do romance Banguê, este discurso demonstra que o negro também tinha preconceito em relação ao lugar social ocupado por outros negros, devido a dificuldade de compreender a mudança dos tempos, do reconhecimento social que outros recém-libertos procuravam. Assim, eles tinham tamanho preconceito com o personagem Marreiro, que para eles parecia algo improvável, ou até impossível um negro ascender socialmente.

### 3.1 - A construção dos estereótipos em Brokshaw

Falar de estereótipo é tocar profundamente em pré-julgamentos de indivíduos em relação a outros, seja por conta de uma determinada posição social, que nos leva a crer que o fator econômico determina muitos preconceitos, ou até mesmo por questões étnicas, onde certos grupos podem ser estereotipados em decorrência do benefício de outros. ( Brokshaw, 1983, p.10)

A rivalidade entre grupos étnicos ou a tentativa de dominação do homem pelo homem pode ocasionar uma inevitável construção do estereótipo deturpador de uma cultura, onde a dominação econômica, em muitos casos poderia se tornar inevitavelmente uma dominação cultural.

Brookshaw (1983) fala que o estereótipo seria uma camisa de força, uma forma de controle social, e sendo assim, congela a individualidade e personalidade

de um povo, tendo em vista que o receptor do estereótipo de alguma maneira se adapta as concepções de mundo do percebedor. Talvez o maior exemplo de estereotipia seja de fato o contraponto entre colonizador e nativo; principalmente a relação que se estabeleceu em toda América colonial, onde a demonização do nativo, e posteriormente do escravizado negro foi bastante comum, gerando conseqüências que se apresentaram na forma dos mitos construídos em favor do poder que se instalara no Novo Mundo.

A reprodução dos preconceitos quase sempre está ligada a um discurso fixo, reproduzido pelo homem sem conhecer a origem do preconceito, ou por este discurso ser visto como algo natural, onde quem o reproduz não está preocupado em saber se é errado ou se está cometendo uma infração/ação criminosa por afirmar tal ação vexatória.

Falar da figura do negro em José Lins do Rego é perceber esses discursos dentro de sua obra, principalmente aquelas relacionadas ao ciclo da cana-de-açúcar, onde o autor transportou de fato sua experiência para as páginas de seus livros através de personagens que se identificavam com a realidade que o mesmo viveu em sua infância.

Faz-se necessário reforçar o que já foi dito antes neste trabalho, do fato que o meio social em que ele viveu de certa forma o isentaria de opiniões preconceituosas, já que a maioria das concepções acerca do negro são representações dos comportamentos de uma época, ligadas à elite do açúcar, que detinha o poder durante um longo tempo e agora tentava sobreviver às mudanças relacionadas ao declínio dos engenhos em detrimento do avanço da tecnologia das usinas.

### 3.2 – A construção das representações em Roger Chartier

Seria o discurso literário menos real do que o histórico? Constatamos que o discurso literário faz a intermediação entre a ficção e a realidade. A importância de se abordar as representações acerca da figura do negro em José Lins do Rego faz com que percebamos a quantidade de estereótipos disseminados dentro de um

contexto ao qual determinada classe social é beneficiada dentro de um sistema de dominação. Assim, em Chartier,

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza ( Chartier, 1988, p.17).

A representação reforçada por um discurso dominante não é construída de imediato, mas sim com o decorrer do tempo. Assim, as representações acerca do negro durante as obras do Chamado Ciclo da cana-de-açúcar, já vinham sendo construídas há muito tempo, ou seja, dentro do contexto em que a obra foi produzida já existia um discurso estigmatizante sobre o negro. Os estereótipos acerca do negro no período que sucede a abolição da escravidão no Brasil já estavam há muito cristalizados nas práticas de exclusão da sociedade brasileira.

A construção de representações estereotipadas é prova de que não existe discurso neutro, e parafraseando Chartier (1988), estes discursos estão sempre produzindo estratégias e práticas sociais, políticas, etc. Assim, dentro da história, a investigação acerca do mundo das representações se tornou tão freqüente entre os historiadores, devido à importância adquirida por este tema, e que sem dúvida alguma, nos faz compreender outros aspectos importantes da história, como o meio social, a história política, e das mentalidades.

A representação, pela sua subjetividade desconstrói a história “real”, construída a partir de documentações seriais e quantitativas. Na literatura o mesmo processo se repete, pois enxergar a subjetividade dentro de um contexto inserido em um discurso literário nos faz transpor os limites da “fábula” e observar vestígios da realidade em que a obra foi produzida.

Ora, partindo da função simbólica da representação, há a construção das várias formas de apreensão do real, seja por meio dos signos, da língua, mitologia, religião, etc. Em Chartier (1988, p.19), a tradição do idealismo crítico designa assim,

por forma “simbólica”, todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação. A consciência humana constrói a realidade e emprega sentido aos símbolos, fazendo com que o homem seja construtor de suas próprias representações.

Na literatura, a representação pode ganhar o sentido mediato de algo que está ausente aos nossos olhos e ao nosso tempo, mais que poderá estar sendo representado por um discurso. Assim, aquilo que representa e o que é representado, de acordo com a maneira como é interpretado, pode se apresentar como algo completamente distinto, em que a autenticidade do signo convence o outro a acreditar na verdade construída e introjetada na mente sobre o valor atribuído a determinado objeto ou sujeito histórico.

Em Rego, vimos a representação do tronco, um signo de grande poder por parte do senhor durante o período da escravização no Brasil, mas que, mesmo após a abolição permaneceram nas fazendas dos senhores de engenho, para que houvesse a manutenção do medo nos trabalhadores que viviam no engenho, e que reforçava a autoridade do coronel.

A permanência da senzala também é perceptível no romance de José Lins do Rego, em que esta mesmo não tendo mais a função de aprisionar os negros, mantinha a simbologia da estratificação social vigente desde os tempos coloniais, obedecendo à manutenção do domínio elitista. Assim, para que a análise destes fatos venham a culminar em um estado de verossimilhança da obra com a realidade, é necessário que o historiador, ao reencontrar este tipo de representações, distantes do seu tempo presente, atente em observar as especificidades do recorte histórico analisado, caso contrário, o historiador corre o risco de cair em um anacronismo histórico, tendo em vista à grande influencia sofrida pelo seu tempo presente. Assim, como afirma Chartier;

Esforcemo-nos [...] por nos pormos em guarda contra os nossos próprios hábitos mentais e tratemos de descobrir o dos primitivos através da análise das suas representações coletivas e das ligações entre essas representações (Chartier, 1988, p. 38).

Despir-nos de nossos hábitos mentais e investigar as práticas sociais do objeto de pesquisa em um determinado período é de fundamental importância na construção do saber histórico. É preciso reconhecer que a mentalidade é algo comum aos homens que vivem em uma mesma época. Assim, partindo deste ponto em comum, o pesquisador pode desvendar várias formas de pensar de uma coletividade. É óbvio que concepções de mundo individualizadas poderão surgir no percurso da pesquisa, mas mesmo assim, o sujeito/indivíduo que apresenta comportamentos diferentes da maioria sempre vai ter algum aspecto em comum com os seus contemporâneos. Assim, a mentalidade de uma época, que Febvre chamou de utensílagens mentais, pode ser apreciada a partir da investigação das representações coletivas da sociedade.

A mentalidade de um indivíduo, mesmo que se trate de um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens do seu tempo, ou então, o nível da história das mentalidades é o do cotidiano e do automático, é aquilo que escapa aos sujeitos individuais da história porque revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento (Chartier, 1988, p41).

Segundo Chartier, são as representações coletivas que acabam por reger os juízos de valor dos sujeitos sociais, em que um grupo pode partilhar de um sistema de valores e o pesquisador pode perceber as representações interiorizadas sem que necessariamente todos os integrantes de determinado grupo social explicitem seus valores e suas verdades.

Neste trabalho, a investigação da literatura da década de 30, focado nas obras de José Lins do Rego sobre o ciclo da Cana-de-açúcar, é perceptível justamente essa intenção em resgatar parte da mentalidade de elite açucareira para com os seus trabalhadores nos 30 primeiros anos pós-abolição, tendo como foco o tratamento dado especificamente aos trabalhadores negros.

Ao partir para uma análise de cunho psicológico, segundo Chartier (1988), a multiplicidade de comportamentos também ajuda o pesquisador a encontrar aquilo que há em comum em pessoas que vivem em uma mesma época. Em Rego,

provavelmente a sua intenção não tinha como foco principal abordar o negro em si, mais inserir a condição destas pessoas aleatoriamente, acompanhando o desenrolar do romance, a partir da representação de seus outros personagens.

Assim, o sentido de um texto não é apenas aquele produzido pelo autor, mas sim o que também é atribuído pelo leitor, seja a partir da interpretação de um documento oficial ou de um texto literário, em que este último poderá ser interpretado de forma diferente do autor, onde a absorção das representações deixadas pelo autor pode ser diferente devido a subjetividade do leitor e do pesquisador.

Um sentido de um texto nele se encontraria como pérola em ostra (sendo a crítica desde logo, a operação que traz a luz do dia esse sentido oculto) é necessário lembrar que todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor; este não torna nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventar nos textos uma coisa diferente daquilo que era a “intenção” deles. Separar os da sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria o desconhecido no espaço organizado pela capacidade que eles possuem de permitir uma pluralidade indefinida de significações (Chartier, 1988, p.61).

A produção do texto está ligada a época em que foi escrito, em que ficam na subjetividade várias lacunas de eventos ocorridos dentro daquele contexto de produção textual, abrindo margens para diversas interpretações, de diversas leituras acerca do mesmo texto. Nenhuma percepção diferente sobre uma obra deve ser recusada, pois essas percepções podem ser utilizadas nas várias reconstruções da escrita de um texto, ou seja, cada leitura individual seria a decomposição e a posterior recomposição de um texto.

Além disso, um texto jamais pode ser lido como uma mera descrição, pois ele sempre estará ligado a discursos e delimitações intelectuais próprias de cada situação e de suas ligações com outros textos, assim,

O real assume assim, um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é ( ou não é apenas) a realidade visada pelo texto mais a própria maneira como ele a cria, na historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita ( Chartier, 1988, p. 63).

O que procuramos ao analisar uma obra literária não é construir ou reconstruir o “real”, tal qual os eventos aconteceram, mas sim buscar no decorrer da pesquisa literária um tipo de racionalidade, uma maneira de pensar, tudo aquilo que faz parte do real, mas não em sua totalidade, o que é impossível em qualquer que seja a pesquisa histórica. O pesquisador deve sim, focar seus esforços nos discursos postos em prática por relatos subjetivos, ou seja, aqueles que estão por detrás da explicação objetiva.

O que distingue a escrita histórica da literária é exatamente o fato de ela ser submetida ao controle do historiador, que deve ter as técnicas necessárias ao controle do olhar crítico ao se debruçar sobre os documentos. Assim, em Chartier,

Formular assim o problema da história como relato verídico é colocar simultaneamente todo o conjunto de questões que dizem respeito tanto a pertinência e a representatividade dos vestígios acessíveis, como a maneira de articular a relação entre a representação das práticas e práticas de representação ( Chartier, 1988, p. 86).

A fundação de um discurso histórico, como afirmou Chartier, requer a reconstituição dos vestígios como representações, sejam elas discursivas, iconográficas, estatísticas, etc; relacionando essa série de representações ao referente externo ao qual a obra poderia ter sido produzida, tornando o discurso, portanto, em um dos mais importantes materiais na produção da história.

Ler um trabalho de história que tem como objeto uma obra literária pode parecer para muitos uma verdade relativa. Porém, se levarmos em conta o fato de que a história como verdade absoluta se encontra há muito ultrapassada, e como afirma Chartier (1988), que não existe outra via para o historiador, a não ser

postular, quer o relativismo absoluto de uma história identificada com a ficção, quer as certezas ilusórias de uma história definida como uma ciência positiva.

Em Chartier, o sentido que o leitor atribui a um texto nem sempre corresponde ao sentido construído pelo autor, já que a prática da leitura não é a simples decodificação daquele “texto acabado” e concluído, mas uma série de representações são constituídas a partir dos diferentes olhares sobre um mesmo texto;

É necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor [...]. Reconstruí-lo exige considerar as relações estabelecidas entre os três pólos: O texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera (Chartier, 1988, p.127).

Um texto, portanto, mesmo permanecendo fixo em sua forma, muda de sentido com o passar do tempo, e assim, um livro muda pelo fato de não mudar enquanto o mundo muda, ou seja, o modo como ele é lido se modifica com o passar dos anos. Assim, o trabalho histórico deve reconhecer os paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores de determinada época.

### 3.3 – A sexualidade da mulher negra no olhar de José Lins do Rego

A permanência do discurso que inferioriza a figura do negro na Obra de José Lins do Rego pode ser percebida também quando direcionamos nosso olhar para o papel da mulher negra na sociedade rural do Nordeste no início do Século XX. Prova cabal de que o negro não era visto com igualdade, seria apresentada sempre que houvesse um caso amoroso entre um branco e uma negra, fato que era constantemente desaprovado e visto com aversão pelos membros da elite.

Nas obras do ciclo da cana-de-açúcar, por diversas vezes é representado que toda espécie de comportamentos negativos estavam ligados aos negros, como por exemplo, a descoberta precoce da sexualidade masculina, que estava diretamente atrelada ao fato do menino branco estar sempre em companhia dos meninos negros, estes que seriam ligados sempre aos furtos das casas grandes e todo o tipo de brincadeiras maléficas e transgressoras aos “bons” costumes da época. Além do mais, a maior parte da degradação moral que se dava por parte dos homens brancos era ligada diretamente a participação das mulheres negras em atos libidinosos, sempre considerados pecaminosos aos olhos da sociedade patriarcal do início do século XX;

Eu era um menino sem contato com o catecismo. Pouco sabia de rezas. E esta ausência perigosa de religião não me levava a temer os pecados. Muito depois essa miséria de sentimentos religiosos se refletia em toda a minha vida como uma desgraça. A moleca iniciava-me, naquele verdor de idade, nas suas concupiscências de mulata incendiada de luxúria. Nem sei contar o que ela fazia comigo. Levava-me para os banhos na beira do rio, sujando a minha castidade de criança com os seus arrebatamentos de besta. (Rego, 1991, p.93)

O olhar do personagem Carlinhos perante a figura da mulher negra era extremamente conflituoso, tendo em vista que esta teria a característica de “desviar” o homem do caminho religioso, enquanto que em algumas de suas personagens brancas, Rego enxergava a pureza da mulher, como é o caso da personagem Lili, que seria frágil e doce aos olhos de Carlinhos. Daí surge à grande dicotomia, onde a mulher negra quase sempre representa o pecado, enquanto que a mulher branca representa a inocência.

A figura da mulher em “O Moleque Ricardo” também vem revestida de estereótipos ligados a sua submissão e sexualidade exposta;

Talvez que nunca mais visse mãe Avelina por toda sua vida. Queria-lhe bem. Vira desde que se entendera de gente ela dormindo com

outros homens. Quase que não deixava lugar para ele dormir. As vezes com a lua entrando via tudo, mais fazia que não via. (Rego, 1978, p.5)

Os relatos dos personagens de Lins do Rego representam a maneira de pensar de uma sociedade e expressa a maneira como o negro era visto no período Pós-abolicionista, como por exemplo, o “sexo entre os negros, era visto como algo “animalesco, praticado em qualquer lugar”, além do mais, termos como “o negrinho”, o “moleque embeijado” são comumente usados em sua obra.

A demonização da mulher negra é uma característica marcante na obra O Moleque Ricardo, onde personagens como “a Negra Isaura” representam a sexualidade exacerbada e a fuga da moral predominantemente “branca”, ao contrário da ótica sobre a mulher branca, que mesmo executando serviços como o de prostitutas, eram vistas como supostamente tendo hábitos mais higiênicos do que a mulher negra, como visto em trecho de O Moleque Ricardo;

Teve então uma súbita vontade de procurar uma mulher. Havia polacas na rua das flores. Mulheres brancas, de coxas como travesseiros de barriguda, macias, mulheres que não se importavam com a cor de ninguém, nunca andara por lá. Conhecidos seus contavam histórias das polacas. Tinha uma Regina que era um leite de branca. Fazia tudo com os homens. E não se pegavam doenças. (Rego, 1978, p. 99)

A distinção que se fazia entre mulheres brancas e negras é notória. Assim, as brancas sempre seriam vistas como mais distintas e puras do que as negras, que seriam impuras e indecentes. Apesar de executarem por vezes os mesmos ofícios, há uma clara diferenciação no tratamento dado a elas de acordo com a sua cor. Até mesmo as negras tidas como mais respeitadas não escapavam do olhar de subserviência sexual exposta na obra de José Lins do Rego;

A Negra Lucinda passava por muito bem procedida. Ricardo ouvindo falar dela se lembrava de Mãe Avelina. Tinha aquele corpo, o mesmo instinto da escravidão, a mesma fidelidade. Os homens com quem a mãe dele estava, só mesmo se encontravam com ela na cama. Nunca vira homem nenhum conversando com mãe Avelina. Só iam para lá fazer o serviço e sair. (Rego, 1978, p.148)

O personagem Ricardo não consegue enxergar sensualidade na mulher branca, pois ao sair com uma das “polacas”, o mesmo teve uma reação desagradável, ao ver que seu interesse sexual pelas brancas não havia despertado;

Depois veio para ele, vendo se estava com doenças. A mulher com um corpo branco, um branco amarelado, sem sangue. E na hora não teve força. Só ouvia a música do café lá embaixo tocando. E grito de gente. O barulho da rua. A mulher então increpou-se: - Sai daqui, brocha! Moleque brocha! (Rego, 1978, p. 149)

O desejo sexual na obra de Lins do rego é visto de maneira que a figura da mulher branca parece não executar de maneira adequada o que seria o ofício das negras, causando uma espécie de estranhamento da figura feminina branca por parte do personagem Ricardo. Vejamos outro trecho abordando a sensualidade da mulher negra;

A negra tinha um mistério para ele. Seria mesmo que ela tivesse parte com o diabo? Homem conheceu mulher assim, se perdia para sempre. O visgo pegava. E ele que falava tanto de Seu Alexandre, vendo com ódio o português deixar D. Isabel, pela mulata. (Rego, 1978, p. 167)

A personagem Mãe Avelina, que permanecia no engenho, em O Moleque Ricardo, teria seu papel sexual amenizado naquele ambiente rural, tendo em vista que ela dormir com vários homens no engenho seria algo comum, já que esse fato

seria considerado normal para mulheres sem marido que viviam no campo. No entanto, Rego deixa explícito em *O Moleque Ricardo*, que caso Mãe Avelina tivesse o mesmo tipo de comportamento na cidade, seria vista como uma mulher da mais baixa categoria, pois dentro do lugar social marcado pela urbanização, aquela atitude seria intolerável para uma mulher dita de boa procedência.

Em outro trecho de *Menino de Engenho*, O autor apresenta aos leitores as condições de vida das casas das serviçais do avô de Carlos de Mello, José Paulino;

Não conheci marido de nenhuma, e no entanto viviam de barriga enorme, perpetuando a espécie sem providência e sem medo. Os moleques dormiam nas redes fedorentas, o quarto todo cheirava horrivelmente a mictório. Via-se o chão úmido das urinas a noite. (Rego, 1991, p.56)

Em outra parte da mesma obra, Rego cita a personagem Maria Gorda, uma negra de Moçambique esquecida na antiga senzala e que demonstrava a pouca mudança nas condições de vida, mesmo após a abolição;

No quarto da negra Maria Gorda não se podia entrar. Nunca conseguíamos nos aproximar desta velha africana. Ela não sabia falar, articulava uma meia língua, e na hora do almoço e do jantar saía da loca pendida em cima de uma vara para buscar a ração. Gritava com os moleques e as negras, com aqueles beiços caídos e os peitos moles dependurados. Era de Moçambique, e com mais de oitenta anos no Brasil, falava uma mistura da língua dela com não sei o que. Esta velha fazia-me medo. As fadas perigosas dos contos da Sinhá Totonha tinham muito dela. O seu quarto fedia como carniça. Na noite de São João era na sua porta somente que não acendiam fogueira. O diabo dançava com ela a noite inteira. Eu mesmo pensava que a negra tivesse qualquer coisa infernal, porque nela nada senti, nunca de humano, de parecido com gente. (Rego, 1991, p. 57)

Ao contrario do que se pensava das mulheres brancas, o olhar que se tinha sobre a sexualidade da mulher negra reforçava os estereótipos de demonização da figura feminina negra, vindo a se refletir também no cinema e nas telenovelas nas décadas posteriores a publicação de *Menino de Engenho*;

A negra Luisa fizera-se de comparsa de minhas depravações antecipadas. Ao contrario das outras, que nos respeitavam seriamente, ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância. Ia me botar pra dormir, e quando ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me a coisas ignóbeis. A sombra negra do pecado se juntava aos meus desesperos de menino contrariado. (Rego, 1991, p.102)

O fato de um branco se relacionar com uma negra causava estranhamento ao personagem Carlinhos, que em dado momento do romance se encontra completamente envolvido com a negra Luisa, o que evidencia ainda mais os estereótipos acerca da mulher negra sensualizada;

Só pensava nos meus retiros lúbricos com o meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a negra Luisa. E comecei a querer-lhe um bem esquisito. Um bem que me assustava ao rabo de sua saia para onde ela ia. Era um vício absorvente o meu pegadio com a negra Luisa. O sexo impunha-me essa escravidão abominável. (Rego, 1991, p.104)

Aos doze anos, o personagem Carlos de Mello se iniciaria sexualmente com uma mulata de nome Zefa Cajá. *“Mas eu ficava por perto, conversando com ela, olhando para a mulata com vontade mesmo de fazer coisa ruim. Ficou comigo uma porção de vezes. Ela me acariciava com uma voracidade animal de amor”.* (Rego, 1991, p. 115)

Seria a partir destas relações com as negras do engenho Santa Rosa que o personagem Carlinhos, de José Lins do Rego passaria a adquirir uma série de

doenças sexualmente transmissíveis, que acabaria por agravar o discurso de que tudo de mal viria das mulheres negras. Essas que faziam com que Carlinhos ganhasse mais “experiência” como homem. *“As negras faziam-me de homem. Não paravam as conversas quando eu chegava. Enxeriam-se.”* (Rego, 1991, p.117)

A normatização do papel feminino como um todo, e não apenas sobre as negras e como as mesmas deveriam se comportar já era uma característica vindoura dos tempos do Brasil colonial, onde a “domesticação” feminina é uma característica herdada da cultura europeia, e em especial, portuguesa, tendo em vista seus fortes laços com a igreja Católica. Esta por sua vez, que atribuía, segundo afirma Del Priore (2009), os padrões ideais de comportamento da mulher, em que as forças “infernais” que modificariam a “paz” estabelecida e as regras impostas seriam culpa exclusivamente da mulher, e devido a este fato esta seria uma figura bíblicamente e comprovadamente inferior ao homem.

A menoridade da mulher é reflexo de estereótipos criados muito antes do Brasil ser colonizado. Em José Lins do Rego, a visão preconceituosa e demonizada feminina é apenas reflexo de um contexto social anterior ao Brasil republicano do início do século XX. Em sua obra, as mulheres de origem branca estão quase sempre ligadas a pureza e próximas a religião católica, salvo aquelas mulheres brancas que faziam o papel de prostitutas em Recife, visto em seu livro *O moleque Ricardo*. Fora deste detalhe, no ciclo da cana-de açúcar, a maioria das personagens negras se enquadram nos papéis de mães solteiras e de representantes da luxúria e, conseqüentemente, das tentações masculinas.

Para esta mulher negra, restariam os estigmas criados de tempos de outrora e ainda remanescentes no Século XX, como nos mostra Del Priore quando da chegada dos europeus a América;

Juiza da sexualidade masculina, a mulher era ainda estigmatizada com a pecha da insaciabilidade. Seu sexo assemelhava-se a uma voragem, um rodaminho a sugar desejos e fraquezas masculinas, Unindo, portanto, o horrendo e o fascinante, a atitude ameaçadora da mulher obrigava o homem a adestrá-la. Seria impossível conviver

impunemente com tanto perigo, com tal demônio em forma de gente.  
(Del Priore, 2009, p. 33).

Mesmo se tratando de obras fictícias, o Ciclo da cana-de-açúcar, na visão de José Lins do Rego, expressa estereótipos acerca da mulher negra que eram massivamente repetidos no meio social, onde se torna perceptível ser este um fato histórico do cotidiano social do Brasil no início do Século XX. Assim, as mães que não se adequassem ao modelo cristão, levado muito a sério desde tempos de colonização, seriam discriminadas e demonizadas por não se encaixarem ao modelo que Del Priore chamou de Santa-mãezinha, que representava a mãe de família ideal, subordinada a religião e aos seus maridos. O preconceito racial levaria, portanto, a mulher negra a uma condição cada vez mais inferiorizada dentro da sociedade republicana do início do século XX, onde ser mãe, desde o período colonial seria;

Gradualmente uma meta de contornos muito bem definidos. A família ancilar, unidade de produção e reprodução deveria entretecer-se em torno da mãe supostamente exemplar, e esta, ao instruir e educar os filhos cristãmente e cuidar com diligência das coisas, da casa, integrava a si mesma e aos seus ao processo de formação do capitalismo na Idade Moderna (Del Priore, 2009, p.41).

Parece que a autora certamente faz menção ao papel materno executado principalmente pela mulher branca, que deveria se encaixar ao modelo defendido pela moral cristã do homem branco. Fazendo uma analogia com o mesmo tipo de representação feminina em José Lins do Rego, observamos e destacamos que a maioria de suas personagens negras, o papel de mãe se restringe a apenas conceber, e se distancia muito do ideal religioso proposto pela Igreja Católica, e transmitido a partir das pesquisas de Del Priore, ou seja, o estereótipo da Santa-mãezinha, inspirada na virgem Maria, na pureza feminina que se encaixasse no perfil católico ainda permanecia no período pós-abolição. Del Priore também não deixa escapar a ambivalência das representações acerca da mulher de elite e da mulher pobre no Brasil colonial;

As imagens da mulher de elite opõe-se a promiscuidade e a lascívia da mulher de classe subalterna, em geral negra, mulata ou índia, pivô da miscigenação que justificou por tanto tempo a falsa cordialidade entre colonizadores e colonizados (Del Priore, 2009, p.41).

Um exemplo de discriminação ocorre com as mulheres ditas concubinas, estando o concubinato fugindo aos padrões da moral cristã e marcando a mulher com o estereótipo do pecado, daquela que conceberia seus filhos sem obter com antecedência os laços matrimoniais exigidos pela Igreja, como afirma Del Priore;

Ao aceitar ocuparem-se com esses frutos de outros ventres, as mães terminavam por aceitar outras formas de convívio sexual que a Igreja não admitia. Necessário era, então, combater o concubinato, e dar um papel para as mulheres no interior do sagrado matrimônio, para diferenciá-las daquelas outras que ficariam estigmatizadas como “contumazes pecadoras” por continuarem a conceber fora das normas propostas pela Igreja ( Del Priore, 2009, p. 48).

Sabemos das dificuldades acerca da consumação de um casamento para as mulheres de camadas subalternas da sociedade, em que estariam inseridas as negras. Em Rego, são vistas muitas representações de mães negras solteiras que provavelmente teriam sido inspiradas em histórias de mulheres que vivenciaram a mesma situação e, conseqüentemente, teriam sofrido preconceito por não terem sido casadas ou ter filhos “sem pais”, aliás, elas não tinham perspectiva de adquirir o matrimônio nos moldes da Igreja Católica, objeto de desejo e acima de tudo de reconhecimento social desde os primórdios do catolicismo.

A mulher luxuriosa representaria o envenenamento do corpo social, e no plano da igreja na domesticação da sexualidade feminina, marcava a contraposição entre as mulheres puras e devassas, estando estas últimas distantes de ter qualidades reconhecidas, pois em sua maioria estavam afastadas dos deveres

conjugais e mais inclinadas aos prazeres carnavais, portanto, esta era a construção que se tinha de mulheres não casadas, e sendo assim;

Não se prestando a maternidade dentro do sagrado matrimônio, a mulher lasciva deixava de ser agente do Estado e da Igreja no interior do lar. Ela deixava de lubrificar sua descendência com os santos óleos das normas tridentinas, não lhe cabendo outro papel que o de agente de satã. Estigmatizada pela teórica incapacidade de conceber, em função do excesso de sexo ao qual ela se dedicava, a luxuriosa adequou-se para rotular prostitutas, mães alcoviteiras, mancebas e concubinas (Del Priore, 2009, p.153-54).

A representação da mulher negra na obra de José Lins do Rego nos mostra como essas mulheres eram vistas como impuras e distanciadas da Igreja Católica, por não se enquadrarem justamente aos padrões “legítimos” de procriação. A mulher em forma de luxúria representava, assim, todo o mal e toda a espécie de doenças venéreas.

As práticas de cura relacionadas diretamente a cultura afrobrasileira também deveriam ser executadas da maneira mais oculta possível, tendo em vista que mulheres que se submetessem a tais tratamentos poderiam ser consideradas afetadas por trabalhos de feitiçaria;

Enquanto um memorial de vários símplies<sup>9</sup> prescrevia as virtudes da cobra cascavel para preservar as mulheres de acidentes da “madre”, uma negra forra, por nome Luzia Pinto [...] era processada pelo Santo Ofício por ser “calundzeira” e trazer cascavéis enroladas nas pernas e braços (Del Priore, 2009, p. 207).

Portanto, é evidente que o saber medicinal “verdadeiro” caberia apenas ao cristão, essencialmente branco e de classe dominante, onde prevalecia sempre o

---

<sup>9</sup> Memorial de vários símplies que da Índia, da América e de outras partes do mundo vêm ao nosso Reino para remédio de muitas doenças, no qual se acharão as virtudes de cada um e o modo com que se devem usar (Del Priore, 2009, p. 207).

seu discurso legitimado por sua condição social, interferindo sempre que possível de vir a diminuir os saberes provenientes das matrizes africanas.

#### 4 – Considerações finais

A aproximação da história e a literatura me permitiu extrapolar lacunas de um olhar objetivista para a subjetividade que faz parte dos historiadores, que optam por trabalhar com o cotidiano, com a nova história cultural, como também permitiu observar a forma como a questão da sensibilidade sustenta a moral de uma época através da identificação dos valores pertencentes a dominados e dominantes.

O tema desta pesquisa foi importante, pois nos deu a oportunidade de visualizar o contexto social dos engenhos do Nordeste açucareiro no período subsequente a abolição da escravidão no Brasil, tendo em vista que um documento como o que foi assinado com a Lei Áurea não significaria a libertação total dos negros no Brasil. Ler José Lins do Rego nos faz perceber esse contexto de submissão por parte dos ex-escravizados, inseridos dentro de uma sociedade viciada no escravismo e que não abria oportunidade de trabalho livre para o afrodescendente.

Não podemos negar os avanços que em mais de cem anos se efetuaram no Brasil acerca do combate ao preconceito racial, como por exemplo, um dos motivos que nos fizeram escrever este trabalho, que foi a Lei 10639/03, que não poderíamos deixar de citar aqui. Entretanto, não esqueçamos que o Mito da democracia racial existe ainda em nossa sociedade, e a Literatura é uma arma poderosa que nos mostra que o decorrer do século XX está marcado de muitos estereótipos que ferem todos os dias as pessoas conscientes da existência do racismo.

A forma como o autor percebe o negro naquele contexto é exatamente o que toda a sociedade sentia naquele momento de nossa história. Trata-se de uma gama de comportamentos, no caso os estigmas negativizantes acerca do negro, que teimam por muitas décadas em permanecer arraigados no seio da sociedade brasileira, assim, tomando mais uma vez emprestado a fala de Foucault, esses estereótipos ainda são ressignificados até os dias de hoje.

Vimos neste trabalho que a inserção do negro no trabalho livre e assalariado foi dificultada pela mentalidade elitista, de que eles seriam inaptos ao trabalho dito civilizado, estando fadados a permanecer em seus antigos postos de trabalho, nas

mesmas fazendas que ocupavam quando do tempo da escravidão. Vale salientar que não se trata de uma regra geral, mais sim a realidade que muitos enfrentaram após a abolição.

Abordamos as representações e os estereótipos que marcaram as obras *Menino de Engenho*, *Banguê* e *O Moleque Ricardo*, que mostram de forma cabal a brutalidade e o tratamento desumano que os ex-escravizados estavam submetidos, isso tudo girando em torno de um discurso dominante poderoso, imposto pelos senhores de engenho e que refletia a maneira de agir da sociedade daquele tempo.

Assim, fechamos o trabalho abordando estereótipos construídos no decorrer do tempo sobre a figura feminina negra, fazendo relação com o código moral cristão vigente na primeira metade do século XX, tendo em vista o extremo preconceito e a vitimização a partir de estigmas como o da mulher impura e todos os tipos de preconceito imagináveis e inimagináveis, nos valendo de fontes como o trabalho de Mary Del Priore, que aponta que os estereótipos acerca da mulher já datavam de muito antes da abolição da escravidão no Brasil.

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, 1886-1944. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador** / Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929 – 1989): A Revolução Francesa da Historiografia**/ Peter Burke; tradução de Nila Odalia. – São Paulo, fundação editora da UNESP. 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História** / Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – Rio de Janeiro; Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural, entre práticas e representações** / Roger Chartier. – Miraflores – Portugal: Difel. 82, Difusão Editorial. S.A, 1988.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**/ Mary Del Priore. – São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DOSSE, François. **A história em migalhas : dos Annales à Nova História**. São Paulo/Campinas : Ensaio/Editora da UNICAMP, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos. – Curitiba: Positivo, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques, comp. **História: novas abordagens**, direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora, Rio de Janeiro, F. Alves, 1988.

REGO, José Lins do, 1901 – 1957. **Bangüê**; estudo de Olívio Montenegro. 9. ed. Rio de Janeiro, J.Olympio, 1976.

\_\_\_\_\_. **Menino de Engenho** / José Lins do Rego; nota de Carlos Drummond de Andrade; estudo de Antonio Carlos Villaça. – 80. ed. – Rio de Janeiro; José Olympio, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Moleque Ricardo**: romance; introdução de M. Cavalcanti Proença. 12 ed. Rio de Janeiro, J, Olympio, 1978.

\_\_\_\_\_. **Romances reunidos e ilustrados** / José Lins do Rego. – Rio de Janeiro; J. Olympio; Brasília: INL, 1980.

REIS, José Carlos. História e Teoria: **Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**/ José Carlos Reis – 3.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.